

## Produzir

# TV Digital como moeda de troca

João Sampaio, Presidente da Sociedade Rural Brasileira



**M**ARCADA por discussões entre ministros, críticas acerca do pouco debate com a sociedade, idas e vindas com relação à adoção de formatos já existentes (Japão, Estados Unidos ou União Européia), cogitou-se até o desenvolvimento de uma tecnologia nacional, o governo está prestes a decidir o padrão tecnológico para o Sistema Brasileiro de TV Digital (SBTD).

O objetivo deste artigo é chamar a atenção para que um acordo dessa natureza, com envolvimento de cerca de R\$ 7 bilhões apenas na transição do modelo analógico para o padrão digital, segundo estimativas do Centro de Pesquisas e Desenvolvimento em Telecomunicações (CpQD), deva incluir na mesa de negociações uma pauta mais ampla de debates.

A busca por um comércio mais justo permeia a necessidade dos países em desenvolvimento, em especial, aqueles grandes exportadores agrícolas. A agricultura é blindada pelo protecionismo dos países ricos. É nítido o abismo na velocidade da abertura dos setores industrial e de bens e serviços frente o agrícola. Uma agenda mundial voltada ao crescimento precisa intercalar e somar oportunidades entre as nações.

O Brasil deve contemplar um planejamento global para o avanço da sua economia. O processo da escolha do padrão da TV Digital deve ser discutido como moeda de troca no comércio agrícola internacional.

Nas negociações com o governo brasileiro, japoneses, europeus e estadunidenses estão de olho no potencial de

um mercado consumidor de aproximadamente 190 milhões de habitantes e 70 milhões de aparelhos. Se implementarem seu padrão como referência para o nosso modelo, abrirão novas frentes para exportação de tecnologia e equipamentos. Serão abocanhados:

- US\$ 5 bilhões na venda de aparelhos conversores das TVs digitais;
- R\$ 1,5 bilhão na substituição dos sistemas de transmissão;
- R\$ 500 milhões na digitalização dos estúdios das emissoras de TV.

Por outro lado, Japão, Estados Unidos e União Européia são os principais limitadores para o acesso a seus mercados agrícolas, embora desejem sempre uma maior abertura das áreas de bens e serviços e indústria dos países em desenvolvimento.

Em 2005, o Brasil exportou para o Japão, o mais cotado para vencer a disputa da TV Digital, cerca de US\$ 1,6 bilhão em produtos agropecuários. Os principais produtos exportados foram a carne de frango “*in natura*” (US\$ 687 milhões); café em grãos (US\$ 234 milhões); celulose (US\$ 131 milhões); soja em grãos (US\$ 97 milhões); álcool etílico (US\$ 93 milhões); e suco de laranja (US\$ 75 milhões), segundo dados do Ministério da Agricultura.

Estudos da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) indicam que um corte de 50% nas tarifas e subsídios à exportação, em termos globais e para todos os setores, e uma redução de 50% no apoio doméstico à agricultura nos seus países membros (EUA e Japão) proporcionariam um ganho de bem-estar ao Brasil de US\$ 1,7

bilhão, equivalente a aproximadamente 0,3% do PIB.

Cerca de 59% da melhoria de bem-estar decorreriam das reduções tarifárias sobre produtos agropecuários pelos membros da OCDE. O Brasil conquistaria mais da metade de todos os ganhos dos países em desenvolvimento decorrentes das reformas agrícolas dos países da OCDE.

Vale destacar o exemplo do setor de carnes. O Japão é um dos mercados mais lucrativos para os exportadores de carne bovina, mas não compra o produto brasileiro por restrições sanitárias. Os japoneses não aceitam a regionalização do programa brasileiro que divide o País em áreas livres ou com risco de febre aftosa. O mesmo acontece para a carne suína.

A bem da verdade se trata de uma barreira não-tarifária disfarçada de medida sanitária. A aftosa é uma doença “econômica” utilizada no jogo do comércio agrícola internacional como álibi para manutenção de mercados fechados.

É com base neste cenário que o processo de escolha da TV Digital poderia ter funcionado como gancho para construção de um debate mais produtivo acerca das distorções do comércio agrícola internacional. Faltou percepção do governo de que se tratava de uma oportunidade concreta e de forte impacto para pressionar os países ricos a reverem seu arcabouço protecionista.

Como brasileiro, eu gostaria de ter o prazer de conferir uma transmissão da TV Digital com base no padrão japonês, ao mesmo tempo em que os japoneses estivessem provando um churrasco com a carne nacional. ■